

Mais de 20 milhões de livros vendidos

LUCINDA RILEY

A IRMÃ DO SOL

As Sete Irmãs | Livro 6
A História de Electra



Título original: *The Sun Sister*
Copyright © 2019 por Lucinda Riley
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Simone Reisner
preparo de originais: Beatriz D'Oliveira
revisão: Flávia Midori e Pedro Staite
diagramação: Valéria Teixeira
capa: Raul Fernandes
imagens de capa: © Ildiko Neer / Trevillion Images
impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R43i Riley, Lucinda, 1971-
A irmã do sol/ Lucinda Riley; tradução de Simone Reisner. São Paulo: Arqueiro, 2020.
688 p.; 16 x 23 cm. (As Sete Irmãs; 6)

Tradução de: The Sun Sister
Sequência de: A irmã da lua
ISBN 978-85-306-0164-5

1. Ficção irlandesa. I. Reisner, Simone. II. Título.
III. Série.

20-63641

CDD: 828.99153

CDU: 82-3(417)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PARA ELLA MICHELER

*“Algumas mulheres temem o fogo,
outras simplesmente se transformam nele...”*

R. H. SIN



Personagens

ATLANTIS

Pa Salt – *pai adotivo das irmãs [falecido]*

Marina (Ma) – *tutora das irmãs*

Claudia – *governanta de Atlantis*

Georg Hoffman – *advogado de Pa Salt*

Christian – *capitão da lancha da família*

AS IRMÃS D'APLIÈSE

Maia

Ally (Alcíone)

Estrela (Astéropé)

Ceci (Celeno)

Tiggy (Taígeta)

Electra

Méropé [não encontrada]

Electra

Nova York

Março de 2008

— Não lembro onde eu estava ou o que estava fazendo quando recebi a notícia de que meu pai tinha morrido.
 — Certo. Você quer se aprofundar nisso?

Olhei fixamente para Theresa, sentada em sua poltrona de couro de encosto alto. Ela lembrava o sonolento Arganaz, de *Alice no País das Maravilhas*, ou um de seus amigos roedores. Theresa piscava muito atrás de seus pequenos óculos redondos e seus lábios estavam sempre franzidos. Tinha belas pernas sob uma saia de tweed na altura do joelho e belos cabelos também. Percebi que ela poderia ser bonita se quisesse, mas eu sabia que não estava interessada em nada além de parecer inteligente.

— Electra? Você está divagando de novo.

— Sim, desculpe, eu estava com a cabeça longe daqui.

— Você estava pensando em como se sentiu quando seu pai morreu?

Como eu não podia dizer a ela no que eu estava *de fato* pensando, assenti com veemência.

— Sim, isso mesmo.

— E...?

— Realmente não consigo lembrar. Desculpe.

— Parece que você ficou irritada com a morte dele, Electra. Por quê?

— Eu não fiquei irritada. Quer dizer, sinceramente, não consigo lembrar.

— Você não consegue se lembrar de como se sentiu naquele momento?

— Não.

— Certo.

Eu a vi rabiscar alguma coisa em seu bloco de notas, que devia ser algo do tipo “recusa-se a lidar com a morte do pai”. Foi o que meu último psiquiatra disse. Mas eu estava lidando com isso *muito* bem. Como aprendi ao longo dos anos, analistas gostam de encontrar uma razão para eu ser tão perturbada, então se apegam a isso como um rato agarra um

pedaço de queijo e ficam me atiçando até eu falar qualquer merda só para mantê-los felizes.

– Então, como está se sentindo em relação a Mitch?

As frases que me vieram à mente para descrever o meu ex provavelmente fariam Theresa pegar o celular e avisar aos policiais que havia uma mulher louca à solta, pronta para explodir os colhões de um dos mais famosos roqueiros do mundo. Em vez de reproduzi-las, sorri docemente.

– Estou bem. Já superei.

– Você estava muito irritada na última vez em que veio aqui, Electra.

– Sim, mas já estou bem. De verdade.

– Essa é uma boa notícia. E quanto à bebida? Já consegue se controlar melhor?

– Sim – menti novamente. – Olhe, eu preciso correr para uma reunião.

– Ainda estamos no meio da sessão.

– Eu sei, é uma pena, mas é a vida – afirmei, levantando-me e caminhando em direção à porta.

– Vamos marcar outro horário para você esta semana? Fale com a Marcia quando sair.

– Vou fazer isso, obrigada – respondi, já fechando a porta.

Passei direto por Marcia, a recepcionista, e me dirigi ao elevador, que chegou quase imediatamente. Enquanto descia, fechei os olhos – odeio espaços confinados – e apoiei a testa quente contra o frio mármore.

Putz, pensei, o que está acontecendo comigo? Estou tão perturbada que nem consigo dizer a verdade à minha própria terapeuta!

Você está muito envergonhada para contar a verdade a qualquer pessoa... e ela nunca entenderia, ainda que você contasse, argumentei comigo mesma. Ela provavelmente mora em um lugar bonito, com seu marido advogado, tem dois filhos e uma geladeira coberta de ímãs fofo exibindo as obras de arte que as crianças fizeram. Ah, acrescentei para mim mesma enquanto entrava na limusine, e uma daquelas fotos que dão vontade de vomitar, mamãe e papai com os filhotes, todos usando roupas combinando, que ampliaram até ficar gigantesca e penduraram atrás do sofá.

– Para onde, senhora? – perguntou o motorista pelo interfone.

– Casa – respondi, antes de pegar uma garrafa de água do frigobar, fechando-o rapidamente antes que me sentisse tentada a explorar as opções alcoólicas.

Eu estava com uma dor de cabeça tão forte que nenhuma quantidade de analgésico fora capaz de resolver, e já passava das cinco da tarde. Mas a festa da noite anterior tinha sido ótima, pelo menos a parte que eu conseguia recordar. Maurice, meu novo melhor amigo designer, estava na cidade e apareceu para tomar alguns drinques com uns caras de Nova York com quem ele costumava sair, que então chamaram outras pessoas...

Não me lembro de ter transado e fiquei surpresa ao encontrar um estranho ao meu lado quando acordei. Pelo menos ele era bem bonito e, depois que estabelecemos contato íntimo outra vez, perguntei a ele seu nome. Fernando trabalhava como entregador de um Walmart na Filadélfia até alguns meses antes, quando um cliente fashionista o notou e lhe pediu que ligasse para um amigo em uma agência de modelos de Nova York. Ele disse que ficaria feliz em me acompanhar a algum tapete vermelho em breve – já aprendi, da maneira mais difícil, que uma foto de braços dados comigo faria a carreira do Sr. Walmart decolar –, então me livreí dele assim que pude.

E daí se você tivesse contado a verdade à Sra. Arganaz, Electra? E daí se você tivesse admitido que ontem à noite ficou tão louca de bebida e cocaína que poderia ter dormido com o Papai Noel e nem se lembrar disso? Que não é por causa da morte do seu pai que você não consegue nem começar a pensar nele, mas porque sabe quanto você o deixaria envergonhado... quanto você o deixou envergonhado?

Pelo menos quando Pa Salt estava vivo, eu sabia que ele não podia ver o que eu andava fazendo, mas, agora que estava morto, de alguma forma se tornara onipresente. Talvez ele tivesse estado no quarto comigo na noite anterior ou mesmo ali na limusine, naquele momento...

Cedi aos meus impulsos, peguei uma minivodca e bebi depressa, tentando esquecer o olhar de decepção no rosto de Pa na última vez em que o vi, antes de sua morte. Ele viera a Nova York me visitar, dizendo que tinha algo para me contar. Eu o evitei até a última noite possível, quando concordei, com relutância, em jantar com ele. Cheguei ao Asiate, um restaurante do outro lado do Central Park, já bêbada de vodca e coisas piores. Fiquei sentada na frente dele, entorpecida, indo ao toailete para usar cocaína sempre que ele tentava iniciar alguma conversa que eu não queria ter.

Depois que a sobremesa chegou, Pa cruzou os braços e me olhou com calma.

– Estou muito preocupado com você, Electra. Você parece estar completamente ausente.

– Você não entende a pressão que estou sofrendo – rebati. – Como é difícil ser eu!

Para meu total remorso, eu agora só tinha vagas lembranças do que acontecera em seguida, do que ele dissera, mas sabia que tinha me levantado e saído. Então nunca vou saber sobre o que ele queria falar..

– Por que você se importa, Electra? – perguntei a mim mesma enquanto enxugava a boca e enfiava a garrafa vazia no bolso, pois meu motorista era novo e tudo o que eu não precisava era de uma história em algum jornal dizendo que bebi o minibar inteiro. – Ele nem era seu verdadeiro pai.

Além disso, não havia mais nada que eu pudesse fazer a respeito. Pa se fora – assim como todo mundo que eu amei na vida – e eu tinha que aceitar o fato. Eu não precisava dele, não precisava de mais ninguém...

– Chegamos, senhora – disse o motorista pelo interfone.

– Obrigada. Vou descer – agradei e saí, fechando a porta da limusine.

Era melhor chegar a qualquer lugar da maneira mais discreta possível. Outras celebridades usavam disfarces para ir a algum restaurante local, mas eu tinha mais de 1,80 metro e seria muito difícil passar despercebida, mesmo se não fosse famosa.

– Oi, Electra!

– Tommy – cumprimentei, conseguindo sorrir enquanto passava por baixo da marquise em direção à entrada do meu prédio. – Como vai?

– Melhor agora, senhora. Teve um bom dia?

– Sim, ótimo, obrigada – respondi, baixando os olhos... baixando *bastante*, para encarar o meu fã número 1. – Vejo você amanhã, Tommy.

– Com certeza, Electra. Não vai sair hoje à noite?

– Não, vai ser uma noite calma. Tchauzinho – falei, acenando e entrando.

Pelo menos ele me ama, pensei, enquanto recolhia minha correspondência com o concierge e me dirigia ao elevador. Conforme o carregador me acompanhava, simplesmente porque era seu trabalho (pensei em lhe dar as minhas chaves para segurar, pois era só isso que eu carregava), fiquei refletindo sobre Tommy. Ele ficara de sentinela do lado de fora do prédio em quase todos os dias dos últimos meses. No início, isso me deixou assustada e pedi ao concierge que se livrasse dele. Tommy se manteve firme e disse que tinha o direito de ficar na calçada, que não estava incomodando ninguém e

que tudo o que queria era me proteger. O concierge me incentivou a ligar para a polícia e acusá-lo de perseguição, mas certa manhã decidi perguntar a ele qual era seu nome completo e pesquisei na internet. Descobri no Facebook que ele era veterano do Exército, ganhara medalhas por bravura no Afeganistão e tinha esposa e filha no Queens. Depois disso, passei até a me sentir segura em vez de ameaçada. Além do mais, ele era sempre respeitoso e educado, então pedi ao concierge que o deixasse em paz.

O carregador saiu do elevador e me deu passagem. Então fizemos um tipo de dança na qual eu precisava recuar para que ele pudesse me conduzir até a cobertura, abrindo a porta com a própria chave mestra.

– Pronto, Srta. D’Aplièse. Tenha uma boa noite.

Ele acenou com a cabeça e eu não vi uma gota de afeto em seus olhos. Eu sabia que a equipe dali desejava que eu desaparecesse em meio à fumaça de qualquer chaminé inexistente. Quase todos os outros moradores viviam no edifício desde que eram fetos na barriga de suas mães, numa época em que seria um privilégio uma mulher negra como eu conseguir ser uma empregada em suas casas. Eles eram todos proprietários, enquanto eu era uma plebeia: uma inquilina, embora rica, com permissão de entrar devido a um contrato de aluguel, pois a antiga moradora morrera e seu filho reformara o local e tentara vendê-lo a um preço exorbitante. Como aconteceu uma coisa chamada crise do *subprime*, ele não conseguiu. Em vez disso, foi obrigado a alugar para quem estivesse disposto a pagar mais: eu. O preço era uma loucura, mas o apartamento também, cheio de arte moderna e todo tipo de dispositivo eletrônico que se pudesse imaginar (eu nem sabia como usar a maioria deles), e a vista para o Central Park era deslumbrante.

Se eu precisasse de alguma confirmação do meu sucesso, o apartamento seria o lembrete ideal. *Mas o que ele mais me lembra*, pensei ao me afundar no sofá que poderia ser uma cama confortável para pelo menos dois adultos, *é de quanto estou sozinha*. Seu tamanho chegava a me fazer sentir pequena, frágil... e, ali em cima, bem no topo do edifício, muito, muito isolada.

Meu celular tocou em algum lugar do apartamento, com a música que fez de Mitch um astro mundial; eu tinha tentado mudar o toque, mas não conseguira. *Se Ceci é disléxica com palavras, então eu certamente sou disléxica com eletrônicos*, pensei enquanto ia buscar o aparelho no quarto. Fiquei aliviada ao ver que a empregada havia trocado os lençóis da cama enorme e tudo estava perfeito novamente. Eu gostava da nova empregada que minha assis-

tente havia conseguido; ela assinara um acordo de confidencialidade, como todas as outras, para que não comentasse com a mídia sobre meus hábitos desagradáveis. Mesmo assim, estremei ao pensar no que ela – Lisbet? – teria pensado quando entrou no meu apartamento de manhã.

Sentei na cama e ouvi minhas mensagens de voz. Cinco eram da minha agente, pedindo que ligasse de volta com urgência para falar sobre a sessão de fotos do dia seguinte, para a *Vanity Fair*, e a última mensagem era de Amy, minha nova assistente. Ela estava comigo havia três meses, mas eu já gostava dela.

“Oi, Electra, aqui é Amy. Eu... bem, eu só queria dizer que gostei muito de trabalhar para você, mas acho que não vai funcionar a longo prazo. Entreguei minha carta de demissão hoje à sua agente, desejo a você sorte no futuro e...”

– *MERDA!* – gritei enquanto pressionava o botão para apagar a mensagem, e atirei o celular do outro lado do quarto. – O que foi que eu fiz para ela?! – perguntei ao teto, me questionando por que me sentia tão chateada por uma pessoa que não era ninguém, que caíra de joelhos e me implorara para lhe dar uma chance, ter me abandonado três meses depois.

– Meu sonho é entrar no mundo da moda, desde que eu era criança. Por favor, Srta. D’Aplièse, vou trabalhar noite e dia, vou viver para você e juro que nunca vou decepcioná-la – falei, imitando o sotaque chorão do Brooklyn da moça enquanto ligava para minha agente.

Havia apenas três coisas sem as quais eu não conseguia viver: vodca, cocaína e uma assistente pessoal.

– Oi, Susie, acabei de saber da demissão da Amy.

– Sim, é um problema. Ela estava aprendendo direitinho – comentou Susie, com seu sotaque britânico frio e profissional.

– Pois é, eu também achei que estivesse. Sabe por que ela tomou essa decisão?

Houve um silêncio antes de ela responder:

– Não. De qualquer forma, vou falar com Rebekah sobre o assunto. Com certeza teremos um candidato até o fim da semana. Recebeu minhas mensagens?

– Recebi.

– Bem, não se atrase amanhã. Eles querem fotografar com o sol nascendo. Um carro vai buscá-la às quatro da manhã, está bem?

– Certo.

- Ouvi dizer que você foi a uma festança ontem à noite.
- Foi divertido.
- Bem, nada de festas hoje, Electra. Você precisa estar descansada amanhã. É para uma foto de capa.
- Não se preocupe, vou para a cama às nove, como uma boa menina.
- Ok. Desculpe, estou com o Lagerfeld na outra linha. Rebekah entrará em contato com uma lista de possíveis assistentes pessoais. *Ciao*.
- *Ciao* – repeti, quando ela desligou.

Susie era uma das únicas pessoas no planeta que ousariam desligar na minha cara. Era a agente de modelos mais poderosa de Nova York e gerenciava todos os grandes nomes do setor. Ela me descobriu quando eu tinha 16 anos. Na época, eu trabalhava como garçomete em Paris, depois de ter sido expulsa da terceira escola em três anos. Tão logo voltei para casa, eu disse a Pa que seria inútil tentar encontrar outra escola para mim, porque eu só acabaria sendo expulsa de lá também. Para minha surpresa, ele não discutiu.

Também me lembrei de como me surpreendi por ele não ter ficado ainda mais irritado diante de outro fracasso meu. E talvez meio desapontada também, o que diminuiu a minha arrogância.

- Pensei em viajar ou algo assim – sugeri. – Aprender com as experiências da vida.

- Concordo que a maior parte do que você precisa saber para ser bem-sucedida não depende necessariamente do processo acadêmico – disse ele –, mas, como você é tão inteligente, eu esperava que pelo menos obtivesse algumas qualificações. É muito nova para viajar sozinha. O mundo é muito grande, Electra.

- Eu sei me cuidar, Pa – respondi com firmeza.
- Tenho certeza disso, mas como vai custear suas viagens?
- Vou conseguir um emprego, é claro – respondi, dando de ombros. – Pensei em ir a Paris primeiro.
- Excelente escolha – assentiu Pa. – É uma cidade incrível.

Enquanto eu o observava do outro lado de sua grande mesa no escritório, achei que ele parecia quase sonhador e triste. Sim, definitivamente triste.

- Bem – continuou ele –, por que não fazemos um acordo? Você quer largar a escola, o que eu entendo, mas estou preocupado com a minha filha caçula rodando o mundo tão jovem. Marina tem alguns contatos em Paris.

Ela pode ajudar você a encontrar um lugar seguro onde ficar. Passe o verão lá, depois nos reencontramos e decidimos sobre seu próximo passo.

– Ok, me parece um bom plano – concordei, ainda espantada por ele não ter insistido mais para eu estudar.

Quando me levantei para sair, já havia concluído que ou ele desistira de mim ou estava me dando corda suficiente para eu me enforçar sozinha. De qualquer forma, Ma ligou para alguns conhecidos e eu acabei em um pequenino e agradável apartamento com vista para os telhados de Montmartre. Era minúsculo, eu tinha que compartilhar o banheiro com um monte de estudantes de intercâmbio que queriam melhorar o francês, mas era a *minha* casa.

Eu me lembrei do sabor delicioso de independência que provei em meu minúsculo quarto na noite em que cheguei e percebi que não havia ninguém para me dizer o que fazer. Também não havia ninguém para cozinhar para mim, então fui a um café próximo, sentei-me à mesa do lado de fora e acendi um cigarro enquanto examinava o cardápio. Pedi sopa de cebola e uma taça de vinho, e o garçom nem pestanejou por eu estar fumando e bebendo. Três taças de vinho depois, estava confiante o suficiente para ir até o gerente e perguntar se ele tinha vagas para garçonete. Em vinte minutos, eu já havia caminhado as centenas de metros de volta ao meu apartamento com um emprego garantido. Um dos momentos de maior orgulho foi quando liguei para meu pai de um telefone público no corredor, na manhã seguinte. Para ser justa, ele se mostrou tão extasiado quanto no dia em que minha irmã Maia conseguira uma vaga na Sorbonne.

Quatro semanas depois, servi a mesa de Susie, agora minha agente de modelos, levando um *croque monsieur*, e o resto já sabemos...

Por que estou relembrando o passado o tempo todo?, me perguntei enquanto pegava o celular para ouvir as outras mensagens. *E por que fico pensando em Pa...?*

– Mitch... Pa... – murmurei enquanto esperava o correio de voz revelar seus segredos. – Eles se foram, Electra, junto com Amy, e você só precisa seguir em frente.

“Minha querida Electra! Como você está? Estou em Nova York mais uma vez... O que você vai fazer esta noite? Que tal compartilhar uma garrafa de champanhe Cristal e um macarrão chow mein dans ton lit avec moi? Estou ansioso para vê-la. Me ligue assim que puder.”

Apesar do mau humor, não pude deixar de sorrir. Zed Eszu era um enigma em minha vida. Era extremamente rico, conhecia muita gente importante e, apesar de ser baixinho e não fazer muito o meu tipo, era incrível na cama. A gente se via com regularidade havia três anos. Terminei tudo quando resolvi levar Mitch a sério, mas tínhamos voltado havia algumas semanas e eu não duvidava de que ele tinha inflado meu ego do jeito que precisava.

Estávamos apaixonados? A resposta era um enorme não, pelo menos de minha parte, mas éramos do mesmo círculo de amigos em Nova York e, o melhor de tudo, quando estávamos sozinhos, conversávamos em francês. Como Mitch, ele não ficava impressionado pelo fato de eu ser famosa, o que era raro atualmente e, de alguma maneira, reconfortante.

Olhei para o telefone, pensando se deveria ignorar Zed e seguir as instruções de Susie para dormir cedo ou se ligava para ele e desfrutava de alguma companhia. Foi uma decisão fácil: liguei para Zed e o chamei para vir. Enquanto esperava, tomei banho e vesti meu quimono de seda favorito, que fora desenhado especialmente para mim por um promissor ateliê japonês. Então bebi o que me pareceu ser um galão de água para neutralizar qualquer coisa ruim que eu pudesse ingerir quando ele chegasse.

Interfonaram para anunciar a chegada de Zed e eu liberei sua entrada. Ele apareceu com um buquê gigante de minhas rosas brancas favoritas e a prometida garrafa de champanhe Cristal.

– *Bonsoir, ma belle Electra* – disse ele em seu francês com sotaque, me passando as flores e a bebida e me beijando no rosto. – *Comment ça va?*

– Estou bem – respondi, olhando para a garrafa com avidez. – Posso abrir?

– Acho que essa função é minha. Posso tirar meu casaco primeiro?

– Claro.

– Antes... – falou ele, enfiando a mão no bolso do paletó e me entregando uma caixinha de veludo. – Vi isso e me lembrei de você.

– Obrigada – agradei, sentando-me no sofá e cruzando as pernas irritantemente longas enquanto encarava a caixinha como uma criança eufórica.

Zed costumava me dar presentes. Ironicamente, apesar de ser rico, eles quase nunca eram chamativos, mas sempre interessantes e escolhidos com cuidado. Abri e vi um anel. O formato da pedra era oval, com um suave tom amarelo-amanteigado.

– É âmbar – explicou ele enquanto me observava estudando a maneira como a pedra captava a luz do lustre acima de nossa cabeça. – Experimente.

– Em qual dedo devo colocá-lo? – provoquei, erguendo os olhos para fitá-lo.

– No que você preferir, *ma chère*, mas, se eu quisesse pedir sua mão em casamento, acho que faria um esforço um pouco maior do que esse. Tenho certeza de que você sabe que seu nome tem relação com o âmbar.

– É mesmo? Não, eu não sabia. – Eu o observei estourando o champanhe. – Que relação é essa?

– Bem, a palavra grega para âmbar era “elétron” e, segundo a lenda, os raios do sol foram presos dentro da pedra. Um filósofo grego notou que, se esfregasse duas pedras uma na outra, esse atrito criava energia... Seu nome não poderia ser mais adequado – disse ele, me oferecendo uma taça de champanhe.

– Você está dizendo que eu crio atrito? – Retribuí o sorriso. – A questão é: eu me transformei em meu nome ou ele se transformou em mim? *Santé*.

– *Santé*.

Brindamos e ele se sentou ao meu lado.

– Hum...

– Você deve estar pensando: será que ele trouxe outro presente?

– Uhum.

– Então olhe embaixo do forro da caixa.

Eu olhei e, claro, enfiado sob o veludo fino que segurava o anel havia um pequeno pacote plástico.

– Obrigada, Zed – disse enquanto abria o pacote e mergulhava um dedo em seu conteúdo, como uma criança com um pote de chocolate cremoso.

Então, esfreguei um pouco na gengiva.

– Boa, não é? – comentou ele enquanto eu derramava um pouco em cima da mesa, separava o canudo curto do pacote e dava uma boa aspirada.

– Hum, muito – concordei. – Quer um pouco?

– Você sabe que não. Como tem passado?

– Ah... tudo bem.

– Não foi muito convincente, Electra. E você parece cansada.

– Tenho andado ocupada – respondi, sorvendo um grande gole do meu champanhe. – Eu estava fotografando em Fiji na semana passada e vou para Paris na semana que vem.

– Talvez você deva desacelerar um pouco. Dar um tempo.
– Diz o cara que passa mais noites dormindo em seu jatinho do que na cama – provoquei.

– Então talvez nós dois devêssemos desacelerar. Posso convidá-la para passar uma semana no meu iate? Vai ficar ancorado em Santa Lúcia pelos próximos dois meses, antes de eu navegar para o Mediterrâneo, no verão.

– Bem que eu gostaria. – Suspirei. – Estou com a agenda lotada até junho.

– Junho, então. Podemos navegar pelas ilhas gregas.

– Talvez – respondi, dando de ombros, sem levá-lo a sério.

Quando estávamos juntos, Zed frequentemente fazia planos que acabavam nunca se concretizando e, para ser sincera, eu nem gostaria que se concretizassem. Ele era uma ótima companhia para uma noite e alguns atos físicos, porém, se fosse além disso, já começava a me irritar com sua meticulosidade e sua inacreditável arrogância.

O interfone tocou novamente e Zed se levantou para atender.

– Mandê subir imediatamente, obrigado. – Ele nos serviu mais um pouco de champanhe. – Vamos jantar comida chinesa e prometo que será o melhor *chow mein* que você já provou. – Ele sorriu. – Como estão suas irmãs?

– Não sei. Ultimamente tenho estado muito ocupada para ligar para elas. Ally teve um bebê, um menino. O nome dele é Bear, como um ursinho, o que achei muito fofo. Por falar nisso, devemos nos reunir em junho, em Atlantis. Vamos no barco de Pa até as ilhas gregas para colocar uma coroa de flores onde Ally acredita que o caixão dele foi jogado no mar. Seu pai foi encontrado em uma praia ali perto, não foi?

– Sim, mas, assim como você, não quero pensar na morte dele porque isso me perturba – respondeu Zed, bruscamente. – Eu só penso no futuro.

– Eu sei, mas é tanta coincidência...

A campainha tocou e Zed foi abrir a porta.

– Aqui, Electra – disse ele, carregando duas caixas para a cozinha. – Venha me ajudar com isso.

CONHEÇA OS LIVROS DE LUCINDA RILEY

A garota italiana
A árvore dos anjos
O segredo de Helena
A casa das orquídeas
A carta secreta
A garota do penhasco
A sala das borboletas

SÉRIE AS SETE IRMÃS

As Sete Irmãs
A irmã da tempestade
A irmã da sombra
A irmã da pérola
A irmã da lua
A irmã do sol

Para descobrir mais sobre as inspirações da série, incluindo mitologia grega, a constelação das Plêiades e esferas armilares, confira o site de Lucinda em português: <http://br.lucindariley.co.uk/>

Na página você também encontrará informações sobre elementos reais deste livro, como a tribo maasai, o excêntrico Happy Valley do Quênia, o distrito do Harlem, em Nova York, e a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

